SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Sinttel-ES

Reunião com a Telemont/Oi não evolui

A quarta reunião entre o Sinttel-ES e a Telemont/Oi, realizada nesta quarta-feira, 12, não teve avanços significativos. A empresa, que ficou de analisar as alternativas que o Sindical indicou, objetivando melhorar os índices da proposta recusada pelos trabalhadores, não trouxe mudanças que resolvessem o impasse.

Por mais de três horas a diretoria do Sinttel-ES tentou argumentar com os representantes da empresa no sentido de pôr fim ao impasse e garantir que uma proposta fosse gestada para atender de forma concreta as reivindicações dos/as trabalhadores/as.

"A Telemont/Oi não ofereceu nada parecido com o que estabelece a Convenção Coletiva das Prestadoras de Serviço e nem sinalizou com a hipótese de melhorar os pisos, pois eles não reconhecem a CCT. É um discurso de coitadinhos, disse o presidente do Sinttel-ES, Nilson Hoffmann.

Os únicos pontos mexidos pela empresa foram com relação ao aluguel dos carros nas férias e nos pisos para multiskill.

1) Aluguel de carros nas férias: a empresa topa pagar a partir de janeiro, desde que o empregado já tenha 12 meses de contrato;

2) Pisos Multiskill: A empresa oferece agora R$ 1029,00, bem longe do piso da CCT. E R$ 1088,00 para os Multiskills que farão instalação de TV.

3) Piso Geral da empresa: R$ 850,00, para os empregados com mais de 3 meses de experiência.

O Sinttel deu um prazo até sexta-feira, dia 14, para avaliar a proposta e definir quais os encaminhamentos.

12/08/2015 - Instituto Telecom

Anatel confirma autorização para redução de capital da Oi

A Anatel publicou hoje,12, no DOU a autorização para a redução do capital da Oi, condicionada à manutenção, este ano, da política de dividendos já anunciada pela operadora, de só fazer a distribuição das previsões legais.

A decisão, aprovada há duas semanas, atende a um pleito da própria empresa, que no ano passado, registrou prejuízos de R$ 4,408 bilhões. Para a agência, a redução do capital do tamanho desta dívida seria apenas uma medida contábil, que não prejudicaria a concessão de telefonia fixa.

Amanhã, a Oi divulga o resultado do semestre e realiza em setembro assembleia geral para aprovação da sua reorganização societária, quando a empresa caminha para o Novo Mercado.

Eletronet

Também foi publicada hoje pela Anatel o veto à mudança de controle acionário da Eletronet. Embora falimentar, a agência entende que a empresa só pode transferir as ações da AES BAndeirantes s para a empresa canadense Contém Canadá .

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Instituto Telecom

Banda Larga Para Todos pode custar quatro anos de Fistel ao Tesouro

Sem recursos para bancar os R$ 50 bilhões estimados para a principal promessa da presidenta Dilma Rousseff no campo da inclusão digital, o Ministério das Comunicações costurou um plano de incentivos para induzir as operadoras a levarem fibras ópticas a 90% dos municípios e 45% dos lares brasileiros em troca de um alívio fiscal que pode chegar a R$ 20 bilhões.

A conta, porém, segue salgada para tempos de ajuste fiscal e não é por menos que o Banda Larga Para Todos, inicialmente prometido para abril, foi deixado para depois da definição dos cortes do orçamento, em fins de maio, e agora não tem data para ser apresentado. Até aqui, o plano se escora em oferecer créditos tributários às teles, a serem abatidos da principal taxa do setor, o Fistel.

A ideia é fazer leilões reversos onde leva o crédito tributário a operadora que aceitar ficar com o menor benefício fiscal. Esse valor seria então abatido do pagamento anual devido ao Fundo de Fiscalização das Telecomunicações ao longo dos alguns anos – o plano vai até 2019 e por enquanto parte da premissa de que esses leilões aconteceriam ainda em 2015.

"A questão é cobrir a diferença em projetos que têm VPL [valor presente líquido] negativo. A vantagem é que o crédito tributário será pago quando a obra estiver feita, em dois anos. O impacto orçamentário, portanto, é mais para frente", defendeu o secretário de Telecomunicações, Maximiliano Martinhão, a parlamentares da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, na terça, 11/8.

Sem dúvida é um charme adicional a um plano que não prevê desembolsos diretos. Ainda assim, implica em o Tesouro abrir mão de praticamente toda a arrecadação do Fistel no futuro próximo – a título de comparação, foram recolhidos R$ 25 bilhões entre 2011 e 2014, sendo que no ano passado o valor foi fortemente turbinado pelo leilão dos 700 MHz.

Se essa conta não bastasse para a equipe econômica segurar a principal promessa de Dilma Rousseff no campo da inclusão digital, o Minicom ainda tenta desarmar o "fogo amigo" que vem da Anatel: conselheiros como Marcelo Bechara e Igor de Freitas duvidam abertamente das metas de levar fibra a 45% dos lares e a velocidade média das conexões a 25 Mbps.

"Pela banda larga móvel não tem condições de crescer muito a velocidade por conta das condições do serviço. Temos que trabalhar na banda larga fixa para vencer a carência de fibra óptica que existe no país. Se a fibra óptica estiver a 400 metros de uma residência, a gente consegue chegar com velocidades da ordem de 50 Mbps na casa da pessoa", insistiu Martinhão junto aos deputados.

E como a responder diretamente às críticas, o secretário ainda desfiou que "o que existe de meta é chegar com velocidade média 25 Mbps. Média não quer dizer que todos terão. Alguns terão 10, outros 100 Mbps", frisou Martinhão, embora reconheça que "hoje, menos de 10% dos domicílios brasileiros tem fibra óptica chegando perto da casa".

O plano privilegia as redes de fibra nos grandes centros e nas cidades com mais de 100 mil habitantes para que seja atingida a meta de chegar a 45% dos domicílios do país. Paralelamente, seriam implantados backhaul em fibra em 90% dos municípios – sendo que hoje apenas 47% deles contam com essa infraestrutura.

Faz até sentido que diante das dificuldades, o Ministério das Comunicações faça também um aceno para os governadores, de olho em algum quinhão de recursos que possa vir dos estados. "Por enquanto a gente esta pensando só no Fistel. Não temos competência sobre o ICMS, mas se os estados entrarem como parceiros, podem ser priorizados", disse Martinhão.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

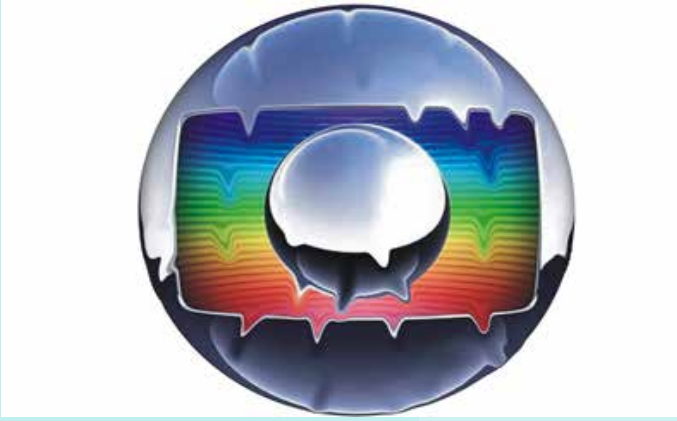
Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Carta Maior

Audiência da TV Globo está derretendo!

Em campanha terrorista para incendiar o Brasil e "sangrar" ou derrubar Dilma, a mídia tradicional, em especial a Globo, está engolindo o próprio veneno!



Nos últimos dias, três notícias devem ter preocupado a famiglia Marinho – o que talvez explique o recente "recuo tático" do império na sua cruzada para incendiar o país e "sangrar" Dilma. Na semana passada, a estreia do programa matinal "É de Casa" derrubou a audiência da TV Globo. Já na sexta-feira (7), o Jornal Nacional perdeu em audiência até para a reprise de novela. Para piorar – e isto sim dói muito para os herdeiros ricaços de Roberto Marinho -, uma pesquisa do Ibope Media confirmou a queda do faturamento em anúncios publicitários nas TVs, jornais, revistas e rádios. No primeiro semestre de 2015, a redução foi de 8,5% na comparação com o mesmo período do ano passado.

A primeira notícia desesperadora foi postada por Keila Jimenez, do site R7: "Além de ser alvo de críticas nas redes sociais, a nova aposta matinal da TV Globo, o 'É de Casa', fez a audiência da emissora cair. A estreia do programa marcou cinco pontos de média na Grande São Paulo, segundo medição prévia do Ibope. O SBT ficou em primeiro lugar no horário, com 6 pontos. Além de perder para a emissora de Silvio Santos, o novo programa derrubou o Ibope da Globo em seu horário, na comparação com o sábado anterior. Na semana passada, a média de audiência da Globo foi de 8 pontos... Nas redes sociais, o público reclamou da confusão de apresentadores e da falta de relevância dos assuntos comentados".

O site de entretenimento da Folha, o F5, foi ainda mais cruel nos comentários sobre o fiasco global. "A estreia do novo programa matinal da TV Globo, 'É de Casa', não precisou de muitos minutos para se tornar logo o tema mais comentado do Twitter, mas isso não foi exatamente bom. Em seu primeiro programa, os seis apresentadores (Ana Furtado, André Marques, Cissa Guimarães, Patrícia Poeta, Tiago Leifert e Zeca Camargo) se revezaram em vários temas lights pelos diversos cômodos da casa... No Twitter, o nome do programa ficou a manhã inteira como o principal tópico. No entanto, poucos foram os internautas que elogiaram a novidade. A maioria entrou na internet para criticar o estilo do programa, opinar sobre o entrosamento dos apresentadores e, em tom de escracho, pedir a volta da 'TV Globinho'. Sobrou até para Boninho".

Já na sexta-feira, a reprise do capítulo final da novela "O Rei do Gado", produzida em 1996, superou a audiência do "Jornal Nacional". Ela marcou 20,1 pontos no Ibope, enquanto o telejornal ficou novamente abaixo dos vinte pontos (19,8) – o que é trágico para Ali Kamel, o diretor de jornalismo da TV Globo, responsável maior pelo constante derretimento do JN. O site "Notícias da TV" deu destaque para a queda de audiência do programa apresentado por William Bonner. A página especializada em televisão há muito tempo acompanha a lenta agonia do JN, que já chegou a invadir as telinhas de maioria dos lares brasileiros e atualmente empacou nos "míseros" 20 pontos do Ibope.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

O sumiço dos anúncios publicitários

A queda de audiência, porém, não é o fator que mais preocupa os três filhos de Roberto Marinho – que não têm nome próprio, segundo o afiado blogueiro Paulo Henrique Amorim. O que mais incomoda é a crise do modelo de negócios que atinge a mídia tradicional, decorrente da explosão da internet e da queda de credibilidade dos seus variados veículos. Na semana passada, o Ibope Media divulgou uma pesquisa que mostra que o faturamento com anúncios publicitários nas TVs abertas, jornais, revistas e rádios somados caiu 8,5% no primeiro semestre de 2015. O império global, que usufrui de uma poderosa propriedade cruzada de meios, é o que mais sente o tombo.

Segundo o estudo, o meio mais atingido foi o de revistas, com queda de 20,9% na publicidade - para desespero da 'Veja' - , seguindo pelos jornais (-9,7%) e rádios (-10,2%). Já a TV aberta teve redução de 7,2%. O Ibope não sabe precisar se as empresas reduziram o número de anúncios ou negociaram preços menores. O fato é que elas fizeram cortes drásticos no setor. A Unilever, maior anunciante do país, investiu neste período menos R$ 528 milhões em publicidade – corte de 25% na comparação com o ano anterior. A Nestlé cortou R$ 194 milhões (menos 37,3%). As duas maiores cervejarias, cortaram juntas R$ 579 milhões (cortes de 30,5% e 41% respectivamente). Três grandes bancos que estão na lista dos 30 maiores anunciantes (CEF, Itaú e Bradesco) cortaram R$ 495 milhões.

A violenta queda da receita em publicidade gerou um comentário irônico de Helena Sthephanowitz, do sempre atento blog Amigos do presidente Lula: "Os números demonstram que a crise na mídia tradicional é muito maior do que a crise na economia brasileira como um todo. É como se o PIB da velha mídia encolhesse 8,5%... Diante deste quadro a continuidade do noticiário 'terrorista', alarmista e desequilibrado – como se fosse uma campanha eleitoral da oposição radicalizada –, revela-se na prática uma campanha publicitária para 'vender' mais e mais... crise. Resultado: espanta consumidores, investidores e anunciantes".

Ou seja: na sua campanha terrorista para incendiar o Brasil e "sangrar" ou derrubar Dilma, a mídia tradicional, em especial a Rede Globo, está engolindo o seu próprio veneno!

12/08/2015 - Instituto Telecom

Em resposta a operadoras, Netflix diz que paga todos os impostos devidos

Em posicionamento oficial, a Netflix rebateu provocações feitas por operadores durante o Congresso da ABTA, promovido ao longo da última semana em São Paulo. Na ocasião, executivos das empresas de TV por assinatura acusaram o serviço de se beneficiar com vantagens tributárias e regulatórias.

Em sua resposta oficial, a empresa esclarece que "a Netflix Brasil está baseada no Brasil e paga todos os impostos devidos". Além disso, a Netflix também se posiciona sobre o fato de não pagar a Condecine, taxa de R$ 3 mil por título disponível. "Sobre o Condecine, aguardamos para trabalhar com a Ancine enquanto eles discutem sobre os serviços de VOD e OTT", diz o comunicado.

Críticas

Durante a ABTA 2015, operadoras reclamaram de concorrência assimétrica com serviços OTT, com destaque para o Netflix. Entre os principais pontos discutidos estariam supostas vantagens tributárias, como o não pagamento da Condecine, e regulatórias, como a inexistência de cotas do conteúdo nacional.

"Temos todas as obrigações, toda a regulação, toda a tributação, e do outro lado alguém que está colhendo os bons frutos dessa cadeia de valor. Vai ter que ter uma solução para isso e não pode demorar, porque trabalhamo com margens extremamente apertadas", disse Rafael Sgrott, da Vivo. O executivo chegou a dizer que "o concorrente não está preocupado com ICMS porque não paga ICMS".

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Diário do Centro do Mundo

Onde foram parar os valentes jornalistas da Globo que defendiam o impeachment?

Uma coisa eu preciso reconhecer na família Marinho: ela sabe dar ordens.

Nisso, é bem diferente da família Civita, que não consegue pedir um café para o mordomo.

Nem bem João Roberto Marinho disse aos senadores do PT que transmitiria a seus editores o que ouvira deles, o noticiário da Globo mudou consideravelmente.

Em todas as mídias.

O que João ouviu é o que todos já sabiam: que a cobertura da Globo vinha sendo escandolasamente enviesada contra o governo.

João prometeu aos senadores que iria avisá-los do diagnóstico prontamente.

Presumo, pelo que conheço da Globo, que ele mandou um email sintético, que é seu estilo, aos integrantes do Conedit, o Conselho Editorial.

Acabou.

No Jornal Nacional da sexta-feira, um milagre: a dupla aparição de Dilma e Lula em reportagens diferentes.

Há quanto tempo o JN não abria espaço duplo para coisas do PT? Uma eternidade.

Os jornalistas da Globo sabem que o preço da visibilidade é a submissão.

Ou o papismo.

Na biografia de Bial sobre Roberto Marinho, um episódio revelador é narrado.

O jornalista Evandro de Andrade estava conversando com Roberto Marinho sobre a possibilidade de chefiar o Globo.

Evandro, numa carta, garantiu a RM que era "papista". O papa falou, acabou: passemos para o próximo assunto.

Imagine, apenas a título de especulação, que Ali Kamel se insurgisse e continuasse a acelerar enquanto os patrões pedem que se freie.

Quantas horas até ele ser removido? E alguém trataria de espalhar, nos corredores do poder na Globo, que Kamel foi vitimado pelo Ibope. Pegou, afinal, o Jornal Nacional com mais que o dobro da audiência atual.

Mas isso não vai acontecer, porque Kamel é papista. Você não faz carreira na Globo se não for.

A Globo freando, as demais empresas jornalísticas fizeram o mesmo, excetuada a Abril com a Veja.

Para a Veja, não há mais recuo possível. O estrago por anos de jornalismo criminoso é de tal monta que simplesmente não existe um caminho de volta.

Os atuais leitores – analfabetos políticos de classe média que tem raiva de pobres, negros, homossexuais, índios e demais minorias – debandariam. E os antigos jamais retornariam.

A Folha e o UOL, da família Frias, parecem ter também desistido de atear fogo. Todos os dias, na home do UOL, o blogueiro Josias de Souza decretava o fim do governo.

Procurei Josias hoje, na home, e não encontrei. Fui a seu blog, e encontrei um tom que nada tem a ver com a gritaria dos últimos meses.

A coragem dos colunistas e comentaristas da grande mídia vai até o exíguo limite de uma ordem patronal.

No Facebook, Eric Bretas, diretor de mídias digitais da Globo, disse que o editorial da Globo provava que jornalistas e donos não têm a mesma opinião.

Respondi que respeitaria os aloprados da Globo se eles, diante das novas instruções de JRM, continuassem a fazer o que vinham fazendo.

Claro que isso não aconteceu.

Certamente os papistas da Globo encontraram, como sempre, vários motivos para pensar exatamente igual aos donos.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Meio e Mensagem

Os bilionários que investem em mídia

Além da família Agnelli, dona da Fiat, que assumiu o controle da The Economist, outros empresários, como Carlos Slim, possuem empresas de comunicação no patrimônio

A venda de 50% da participação na The Economist para a Exor, fundo de investimentos da família Agnelli, dona da Fiat, por parte do Pearson Group, traz um dado em comum com outros grandes títulos de comunicação: a quantidade de bilionários que fizeram fortuna em outros negócios e possuem participação em marcas de mídia. Independentemente se por prestigio, experimentação ou resultado, eles ajudam a circular dinheiro novo nessas empresas. Com base no ranking da Forbes, Meio & Mensagem separou os "bilionários que gostam de investir em mídia".

Carlos Slim

México

Patrimônio: US$ 77,1 bilhões

Controla a America Movil e possui investimentos no setor bancário (Inbursa) e mineração (Minera Frisco), assim como participações na Philip Morris e Caixabank.

Em janeiro deste ano, tornou-se o maior acionista do The New York Times com 16,8% de participação.

Warren Buffett

Estados Unidos

Patrimônio: US$ 74,2 bilhões

Presidente e maior acionista da Berkshire Hathaway, possui participação na Kraft Heinz e também na Coca-Cola, American Express e Wells Fargo.

Em março de 2013, Buffett comprou seu 28º jornal por meio da BH Media Group com foco em títulos regionais.

Bernard Arnault

França

Patrimônio: US$ 37,2 bilhões

Diretor executivo da LVMH, a maior empresa de artigos de luxo do mundo dona das marcas Louis Vuitton e Sephora.

Em 2007, seu grupo comprou o jornal francês Les Echos e, desde maio, negocia a compra do Le Parisien.

Jeff Bezos

Estados Unidos

Patrimônio: US$ 34,8 bilhões

Fundador e CEO da Amazon

Pagou US$ 250 milhões pelo Washington Post em agosto de 2013.

Família Agnelli

Itália

Patrimônio: Não contabilizado

Acionista majoritária da Fiat Chrysler Automobiles, 29,19% e CNH industrial, 26,97%. Possui 63,7% de participação no Juventus Football Club.

Vai ampliar sua participação de 4,72% para 54,72% na The Economist.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Carta Maior

Stiglitz: como os bancos tornaram-se uma ameaça global

Nobel de Economia alerta: sob hegemonia do Ocidente, sistema financeiro sabota inovações dos BRICS e quer punir países que promovam mudanças sociais

A III Conferência Internacional de Financiamento para o Desenvolvimento reuniu-se recentemente na capital da Etiópia, Adis Abeba. A conferência aconteceu num momento em que os países em desenvolvimento e mercados emergentes demonstraram capacidade para absorver produtivamente enormes volumes de recursos. As tarefas que esses países estão assumindo – investindo em infra-estrutura (estradas, geração de energia, portos e muito mais), construindo cidades onde um dia viverão bilhões de pessoas e movendo-se em direção a uma economia verde – são verdadeiramente enormes.

Ao mesmo tempo, falta no mundo dinheiro que possa ser utilizado produtivamente. Poucos anos atrás Ben Bernanke, então presidente do Federal Reserve (Banco Central) dos EUA, falou sobre o excesso de poupança global. Apesar disso, projetos de investimento com elevado retorno social estavam parados por falta de fundos. Isso continua sendo verdade hoje. O problema, à época e agora agora, é que os mercados financeiros do mundo — cuja função deveria ser intermediar eficientemente recursos de poupança e oportunidades de investimento — fazem, ao invés disso, má alocação dos recursos e geram riscos.

Há outra ironia. A maioria dos projetos de investimento de que o mundo emergente necessita é de longo prazo, assim como a maioria dos recursos disponíveis – trilhões em contas de aposentadoria, fundos de pensão e enormes fundos soberanos. Mas nossos mercados financeiros, cada vez mais incapazes de enxergar o longo prazo, atravancam o caminho entre as duas partes.

Muita coisa mudou nos últimos treze anos, desde que a I Conferência Internacional de Financiamento para o Desenvolvimento ocorreu em Monterrey (México), em 2002. Na época, o G-7 dominava as políticas econômicas globais; hoje, a China é a maior economia do mundo (segundo o critério de poder real de compra das moedas), com poupança cerca de 50% superior à dos EUA. Em 2002, as instituições financeiras ocidentais eram consideradas mágicas em gerenciamento de riscos e alocação de capital; hoje, vemos que são mágicas em manipulação de mercado e outras práticas enganosas.

Ficaram para trás os apelos para que os países desenvolvidos honrassem seu compromisso de destinar ao menos 0,7% do seu PIB para ajuda ao desenvolvimento. Algumas poucas nações europeias – Dinamarca, Luxemburgo, Noruega, Suécia e, surpreendentemente, o Reino Unido, em meio a sua austeridade auto-infligida – cumpriram as promessas em 2014. Mas os Estados Unidos (que doaram 0,19% do PIB em 2014) encontram-se muito, muitíssimo atrás.

Agora, os países em desenvolvimento e mercados emergentes dizem aos EUA e aos outros ricos: se não vão cumprir suas promessas, ao menos saiam do meio do caminho e deixem-nos criar uma arquitetura de economia global que trabalhe também para os pobres. Não surpreende que os países hegemônicos, liderados pelos EUA, estejam fazendo de tudo para frustrar tais esforços. Quando a China propôs o Banco Asiático de Investimento em Infra-estrutura, para ajudar a destinar parte de seu excesso de poupança para onde os recursos são extremamente necessário, os EUA tentaram torpedear o esforço. O governo do presidente Barack Obama sofreu, então, uma derrota doída e altamente embaraçosa.

Leia mais em:
http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/Stiglitz-como-bancos--tornaram-se-ameaca-global/7/34223

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/08/2015 - Carta Maior

Imposto de Renda: retrato da desigualdade

A desigualdade que conhecemos nas ruas, nas empresas, nas periferias, nos campos fica escancarada e confirmada quando verificamos os números da Receita.

Durante muito tempo, as informações relativas ao sistema tributário brasileiro se apresentavam como uma verdadeira caixa-preta para o conjunto de nossa sociedade. Escudados na justificativa do "sigilo do contribuinte", durante décadas os responsáveis pelo órgão de arrecadação do governo federal se recusavam a revelar informações que propiciassem uma avaliação mais profunda a respeito de nosso modelo. As instituições de pesquisa demonstravam que não seria desrespeitada a privacidade das declarações anuais feitas por empresas ou indivíduos, uma vez que os dados são avaliados de forma agregada. Mas nem assim a informação era liberada.

Só mais recentemente a Secretaria da Receita Federal aceitou iniciar a divulgação de alguns dados relativos à caracterização do universo de contribuintes de alguns impostos. Talvez pressionada pela ampla aceitação de estudos como o "Capital no Século XXI", de Thomas Piketty, a instituição reconheceu o equívoco das negações anteriores e passou a adotar uma postura um pouco mais flexível. O economista francês realizou pesquisa sobre a base de dados tributários de vários países, para concluir a respeito da permanência do processo de concentração de renda em um conjunto amplo dos países. Mas lamentou publicamente não ter podido incluir o Brasil em seu universo de pesquisa, em razão da negativa da Receita Federal em oferecer a base de dados. Coincidência ou não, a partir de então algumas informações, ainda que bem restritas, encontram-se disponíveis na própria página do Ministério da Fazenda na internet.

A Constituição de 1988 definiu uma estrutura tributária com uma repartição de instrumentos de arrecadação entre a União, os Estados e os Municípios. De acordo com tal arquitetura do pacto federativo, o art. 153 da Carta estabeleceu a competência do governo central em instituir impostos sobre: i) produtos importados; ii) produtos para exportação; iii) renda; iv) produtos industrializados; v) operações financeiras; vi) propriedade rural; vii) grandes fortunas. De acordo com o texto, apenas o último deveria ser mais bem detalhado por meio de lei complementar. E lá se vão quase 27 anos de espera pela legislação que incidisse sobre o patrimônio dos milionários.

O Imposto de Renda se divide em dois subconjuntos. Uma parte se destina às pessoas físicas (IRPF) e a outra se dirige às pessoas jurídicas (IRPJ). O volume de arrecadação da parcela relativa às empresas é bem superior àquela recolhida pelos indivíduos. As informações disponíveis para 2014, por exemplo, revelam que o total dos recolhimentos de IR atingiu R$ 305 bilhões. Esse valor representa 39% do total da arrecadação federal no ano passado, excetuando-se as receitas previdenciárias. O montante pago pelas pessoas jurídicas foi de R$ 189 bi, representando 62% do total. Os R$ 115 bi restantes referem-se ao volume pago pelas pessoas físicas.

O aspecto interessante das informações agora disponibilizadas refere-se à possibilidade de se constatar o fenômeno da brutal concentração de renda em nossa sociedade. A divulgação dos dados da Receita Federal abre o caminho para um amplo espectro de pesquisas e artigos. Nesse pequeno espaço meu foco será sobre a parcela das camadas superiores da pirâmide da distribuição, uma vez que em pouquíssimas ocasiões há pesquisas identificando o topo-do-topo. Com isso, é possível verificar o que ocorre com a renda declarada dos indivíduos e o imposto de renda pago. Quando se fala em concentração no Brasil, por exemplo, a maioria das pesquisas divide o universo das pessoas/famílias nos chamados decis de renda. Assim, os "mais ricos" são identificados como um amplo conjunto composto pelos 10% que auferem renda mais elevada. Ocorre que nesse estrato estão misturados e confundidos grupos de renda muito díspares.

Leia mais em:
http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/Imposto-de--Renda-retrato-da-desigualdade/7/34222